



O Recife e a dinâmica dos Mascates: As diferentes escalas de abordagem para a compreensão da influência do comércio e serviços varejistas nas transformações urbanas – os bairros do Recife, Santo Antonio e São José.

Maria de Lourdes Carneiro da Cunha Nóbrega.

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco.

lourdinha@hotmail.com ou mlccn1@yahoo.com.br

Apresentação.

Este texto surge da necessidade de compreensão dos diferentes processos de transformação do espaço público urbano decorrentes da presença das atividades de comércio e serviços de varejo na cidade do Recife/ PE. Assim, apresenta-se aqui, como auxílio para uma metodologia de análise destas transformações, diferentes escalas de abordagem entre o espaço público e o espaço do comércio propriamente dito.

Aspectos do Sítio estudado.

A cidade do Recife, entreposto comercial quando colônia, devido a sua geografia portuária, tem uma relação estreita com as atividades de comércio e serviços e as dinâmicas pertinentes a estas atividades como transformadoras do espaço urbano desde a sua formação.

Com um comércio inicialmente mercantilista, no século XVI, devido à exploração de madeira e cana de açúcar, mas que, com o seu crescimento, muito rapidamente, tornou-se palco de um intenso comércio varejista, (imigrantes portugueses, holandeses, ingleses e franceses muito contribuíram para tal) a cidade dos mascates ainda guarda, no seu núcleo central de colonização, os bairros do Recife, Santo Antonio e São José, aspectos polarizadores de um forte e crescente comércio e serviços varejistas.

As diferentes escalas de abordagem.

A compreensão de como as diferentes formas que o comércio e serviços varejistas apresentam-se no espaço público e sua influência nos processos de transformação urbana, são aqui colocados através do estudo de três escalas de abordagem, a escala evolutiva do espaço comercial, a escala da edificação comercial e a escala do espaço urbano, observadas na citada área de estudo.

A escala evolutiva do espaço comercial trata das diferentes transformações morfológicas desse espaço, seja ele público ou privado, ao longo do tempo e subsidia a compreensão do atual espaço comercial na metrópole. O processo evolutivo urbano, sob diferentes contextos sociais e econômicos, traduziu o comércio em diferentes formas, atribuindo assim aos espaços de comércio características físicas diversas.

Dos mercadores do século XVII, cujo principal espaço de varejo era a praça do mercado, às lojas de departamento e shoppings centers diferentes formas arquitetônicas interagiram com o espaço urbano e atribuíram a este, valores diferenciados ao longo do tempo.

Assim, a compreensão das transformações ocorridas no espaço urbano em função do comércio de varejo se dá, primeiramente, pelo conhecimento do processo evolutivo dos diferentes espaços que serviram para abrigar o comércio na cidade.

Os bairros de Santo Antonio, São José e Bairro do Recife, são caracterizados por terem tido, ao longo do tempo, transformações urbanas diversas como: mudanças de usos, redesenhos urbanos e planos urbanísticos específicos.

No decorrer do processo evolutivo dos bairros em questão, observam-se ainda as várias formas assumidas pela arquitetura comercial ao longo do tempo. A Praça do Mercado¹ do período da ocupação holandesa, o mercado coberto da Praça da Independência (demolido em 1905) ou mesmo o Mercado de São José, monumento tombado a nível federal, (construído em 1875), exemplificam o processo de transformação do espaço varejista na cidade do Recife que mantêm junto as mais recentes formas de comércio, como lojas de departamento e shopping, diferentes ocupações e diálogos com o espaço público urbano (figuras 01 e 02 exemplificam a abordagem na escala evolutiva do espaço comercial. Figura 01, Mercado coberto da Praça da Independência, final do século XIX. Figura 02, Praça da Independência após demolição do Mercado).

¹ Segundo José Antonio Gonsalves de Mello existiam vários mercados no Recife quando da ocupação holandesa, “como o mercado de peixe, o mercado do Recife, o mercado de carne, o de verduras e o mercado grande de Maurícia, no terreiro dos coqueiros”. Livro “Tempo dos Flamengos”, página 117.

Já a transformação urbana, vista sob **a escala da edificação comercial**, trata das diferentes transformações físicas observadas na edificação comercial existente propriamente dita.

Esta escala representa as diferentes formas que os edifícios comerciais se apresentam no espaço público urbano como transformadores da imagem da cidade. Esses edifícios tanto modificam a paisagem urbana através da sua própria transformação, quanto demarcam territórios do comércio (especializado ou dirigido para determinados setores do varejo). Ressalta-se que os imóveis comerciais estão em constante transformação, por abrigarem em curtos períodos diferentes usos também comerciais.

Esta escala permite duas formas de abordagem, aquela que trata do comércio localizado em edifícios de transição e a que trata do comércio localizado em espaços comerciais por excelência.

Quando observados os edifícios de arquitetura de transição, ou seja, aqueles que foram inicialmente projetados para outro fim que não o comercial, nos sítios estudados, ressalta-se a existência de três formas de caracterização do edifício, aquele de arquitetura preservada, aquele de arquitetura modificada e aquele de arquitetura descaracterizada (figuras 03 e 04 exemplificam a abordagem na escala da edificação comercial – arquitetura descaracterizada. Figura 03, imóvel no 171 no bairro de São José em 1970. Figura 04, mesmo imóvel no ano de 2002. Figuras 05 e 06 exemplificam o edifício de arquitetura modificada. Figura 05, imóveis 166 e 162 São José em 1970 e figura 06, mesmos imóveis em 2002).

Já o comércio localizado em espaços comerciais por excelência, ou seja, nos edifícios projetados especificamente para o uso comercial, observa-se que, algumas destas edificações são construídas sob técnicas de “montagem”, utilizando materiais perecíveis e de baixo custo (como pvc, chapas metálicas, régua de alumínio, lonas, etc), ou são “galpões”, “caixas” sob letreiros, (o que Robert Venturi também já denominou de “Galpões Decorados”).

A terceira escala de abordagem refere-se **à escala do espaço urbano**. Esta escala de abordagem permite a compreensão de como o comércio e serviços de varejo estão presentes na modificação da imagem da cidade através da transformação do seu espaço urbano. Estas mudanças são observadas de duas maneiras, compreendendo as transformações que ocorrem através do desenho urbano e aquelas que transformam a utilização desse espaço público.

No sítio estudado o Plano de Revitalização do Bairro do Recife (Plano de Revitalização de âmbito municipal, 1996) demonstra esta escala de abordagem quando, após a ocupação comercial dos lojistas independentes nos edifícios revitalizados, houve a mudança de desenho da calçada da rua do Bom Jesus que alargada, tem a possibilidade de abrigar mesas e cadeiras, para servirem aos bares e restaurantes que lá foram instalados (ver figura 07 que exemplifica as mudanças de uso do espaço público. Rua do Bom Jesus, no Bairro do Recife, barracas de feira, mesas e cadeiras na paisagem do espaço público, em 2002).

Para o Bairro do Recife, além do comércio independente, o Plano de Revitalização trouxe o Shopping Alfândega, empreendimento localizado no edifício onde funcionou a antiga alfândega da cidade, e que trouxe além da transformação do edifício, transformações relevantes na escala do espaço urbano, com a construção de grande edifício anexo para abrigar um estacionamento, com passarela suspensa de interligação ente as edificações (shopping/estacionamento) sobre via existente.

Conclusão.

A observação do espaço urbano segundo as diferentes abordagens apresentadas induz a afirmativa que as atividades de comércio e serviços varejistas são aceleradoras das transformações ocorridas nesses espaços, funcionando como um catalisador destas transformações, estimulando-as e dinamizando-as.

Dessa forma o estudo sistemático destas atividades é de extrema importância em especial para as políticas e planejamentos urbanos cujas bases estão centradas no controle e fiscalização do espaço urbano.

Bibliografia.

- BARRETO, Ângela Maria Maranhão Barreto. **O Recife através dos tempos. A formação de sua paisagem.** Edições FUNDARPE. Recife. 1994.
- COSTA, F. A. Pereira da. **Arredores do Recife.** v. X. Coleção Recife. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura do Recife, 1981.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Lisboa: Arte & Comunicação, Edições 70, 1960.
- MELLO, José Antonio Gonsalves. **Tempo dos Flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Brasil.** 4ª edição. Editora Topbooks. Rio de Janeiro. 2004.

MOTA, Mauro. **Bê-a-bá de Pernambuco ou apontamentos para uma biografia do Estado**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1991.

Plano de Preservação dos Sítios Históricos. 1978. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de planejamento, Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife. Recife.

Plano específico para a ZEPH 10 – Conjunto urbano dos bairros de Santo Antonio e São José. 2003. Empresa de Urbanização do Recife, Diretoria de projetos Urbanos, Departamento de preservação dos Sítios Históricos.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço Terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo. Senac, 2001.

VARGAS, Heliana Comin. **Comércio. Localização Estratégica ou Estratégia na Localização?**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Tese de Doutorado. São Paulo, 1993.

VENTURI, Robert. Scott Brown, Denise. Izenour, Steven. **Aprendendo com Las Vegas**. Editora Cosac & Naify. São Paulo. 2003.

IMAGENS



Figura 01 – Cartão postal. Coleção Edilberto Souza. Praça da Independência, final do século XIX.

Fonte Departamento de Preservação dos Sítios Históricos (DPSH), Empresa de Urbanização do Recife.



Figura 02 - Cartão postal. Coleção Edilberto Souza. Praça da Independência, sem data. Fonte

Departamento de Preservação dos Sítios Históricos (DPSH), Empresa de Urbanização do Recife.



Figura 03 – Fotografia. Autor desconhecido. Rua São José do Ribamar, imóvel 171, Recife 1970. Fonte Departamento de Preservação dos Sítios Históricos (DPSH), Empresa de Urbanização do Recife.



Figura 04 - Fotografia. Autor Fábio Cavalcanti. Rua São José do Ribamar, imóvel 171. Recife. 2002. Fonte Departamento de Preservação dos Sítios Históricos (DPSH), Empresa de Urbanização do Recife.



Figura 05 - Fotografia. Autor desconhecido. Rua São José do Ribamar, imóvel 166 e imóvel 162. Recife. 1970. Fonte Departamento de Preservação dos Sítios Históricos (DPSH), Empresa de Urbanização do Recife.



Figura 06 - Fotografia. Autor Fábio Cavalcanti. Imóvel 166 e imóvel 162. Recife. 2002. Fonte Departamento de Preservação dos Sítios Históricos (DPSH), Empresa de Urbanização do Recife.



Figura 07 – Fotografia. Autora Aurelina Moura. Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife, Recife, PE. 2002. Fonte Departamento de Programação Visual, Empresa de Urbanização do Recife.